



FEPAL 2020 AGITANDO FRONTEIRAS PAINEL INAUGURAL 2 DE OUTUBRO

O SUJEITO SE CONSTITUI NAS FRONTEIRAS: TRANS-SUBJETIVIDADES

Leticia Glocer Fiorini

Tradução: Helena Surreaux

“O ser se constitui nos limites”

Eugenio Trías

Nas últimas décadas se produziram movimentos cruciais no que diz respeito às subjetividades presentes nas sociedades contemporâneas. As migrações sexuais e de gênero, as subjetividades em trânsito são exemplos. Isso se produz em um contexto de novas realidades: globalização acelerada, individualismo crescente, queda dos ideais que permeavam grande parte do século XX, tecnologias e biotecnologias em expansão. Os mundos virtuais, a informática, os algoritmos e a robótica passam a formar parte das subjetividades.

Neste marco cabe a pergunta sobre a noção de sujeito e de subjetividade sexuada na psicanálise contemporânea.¹ Minha proposta é trabalhar essa noção a partir do conceito de espaço-limite, de fronteiras, no campo psicanalítico.

A psicanálise introduz uma mudança de paradigma ao propor o conceito de sujeito do inconsciente, sujeito cindido, frente ao sujeito unitário da modernidade. Com a pós modernidade (Modernidade tardia) aparecem o sujeito fragmentado, a dissolução do sujeito, os fenômenos de dessubjetivação, próprios de mudanças nas estruturas sócio-econômicas e político-ideológicas.

Estes fenômenos coexistem com a apresentação de subjetividades sexuadas não convencionais cada vez mais visíveis na cena contemporânea. Estas mudanças implicam pensar em um deslocamento de um sujeito-centro no sentido das fronteiras, da periferia. A construção de subjetividade não é independente dessas variáveis.

¹ Utilizo o conceito de sujeito a partir de várias vertentes: por um lado, o sujeito do inconsciente; por outro, o sujeito que abarca o conjunto das instâncias psíquicas e, por último, o sujeito expresso nas subjetividades múltiplas que habitam as culturas contemporâneas.



Para isso é necessário analisar o conceito de “periferia” que se está manejando. Abordo o conceito de limite (Trías, 1991) como um espaço que se gera entre dois “centros”; trata-se de um espaço distinto, com leis, normas e regulações novas, com outros simbolismos, outras subjetividades, diferentes das dos espaços “centro”. É uma fronteira não no sentido negativo de uma linha que divide dois espaços, interno e externo, mas como criação de outro espaço, diferente dos anteriores.

A partir da psicanálise, o espaço transicional (Winnicott, 1959) é uma proposta no mesmo sentido. Espaço novo entre a mãe e a criança, espaço do brincar, da criatividade, onde se gera algo novo, que é diferente, tanto da mãe como da criança.

O conceito de campo analítico dos Baranger (1961 - 1962) também responde a esta proposição. Entre analista e paciente se gera um outro espaço que apenas existe nesse encontro. A emergência do inconsciente, as transferências e os fenômenos contratransferenciais são próprios desse espaço, porém não se reduzem a esses itens, uma realidade diferente se cria em cada sessão.

A partir da perspectiva lançada vou sustentar que o sujeito se constitui no limite, nas fronteiras. Isto é, não há um centro (o sujeito) e uma periferia (os outros primários e a outridade simbólica), mas que esse espaço-limite, de fronteira, marca o lugar e o tempo de constituição de sujeito. Para compreender as mudanças nas subjetividades é imprescindível trabalhar em zonas - limite, transpassar fronteiras rígidas e conceber outro conceito de sujeito, que não anula ao sujeito do inconsciente, mas o torna complexo. Trata-se de um espaço imaginário/simbólico - que também é uma metáfora - sempre em devir.

O mesmo se pode sustentar para a teoria. É no espaço-limite, nas fronteiras, onde a teoria entra em movimento, em contato com novas realidades. Os centros são o mais imutável das teorias e tendem a auto perpetuar-se.

O sujeito, a teoria e a clínica se constituem nas fronteiras. Supõe também conceber uma noção porosa de fronteiras, que permite intercâmbios produtivos em todos os sentidos propostos.

Nesta moldura, recordemos que o conceito freudiano de sexualidade é plural (Freud, 1905, 1915): a pulsão é polimorfa, a escolha de objeto é contingente. Freud (1924) a canaliza, em seus desenvolvimentos, através do Complexo de Édipo- castração. Esse caminho responde à necessidade da cultura como uma forma de explicar uma inserção na trama de laços sociais. Isso muda com as épocas: as ordens simbólicas e os discursos que as refletem, mudam.

Atualmente se constata pontos cegos e insuficiências para explicar a inserção em um universo simbólico de outras subjetividades não convencionais, assim como da posição feminina e masculina.



Isto implica a psicanálise. A nosso juízo, *nos espaços limite se constrói a subjetividade sexuada, que é sempre de fronteiras*. A pluralidade que manifestam as subjetividades atuais conflui com o conceito de sexualidade/pulsão freudiano. Esse polimorfismo reflete as fantasmáticas plurais descritas por Freud e toma forma através do “trans”, do *queer*, do estranho.

As teorias *queer* e pós-gênero que surgem nos estudos acadêmicos apontam aos diversos caminhos da sexualidade e dos gêneros, que se afastam das resoluções clássicas, o que tem muitos pontos em comum com os conceitos freudianos mencionados.

Neste contexto, utilizo, em um sentido geral, o termo apresentações “trans” para referir-me àqueles itinerários da sexualidade e aos gêneros que não respondem à normatividade vigente.

Isso induz a repensar o conceito de sujeito. Recordemos o conceito de magma psíquico de Castoriadis (1986) para abordar a complexidade do psiquismo. Da mesma forma, Guattari (1992) havia destacado os universos múltiplos que habitam a subjetividade.

Neste ponto é imprescindível distinguir entre psicosexualidade e gênero. Por um lado, o campo da psicosexualidade e o desejo que, como assinalou Freud, tende a exceder as resoluções normativas. Nas neuroses se expressam as fantasmáticas floridas destas apresentações. Porém, na atualidade, com a crescente queda das repressões sociais, a dissolução do puritanismo, a anunciada queda do pai, os desejos encontram outros canais. Estamos na presença de outros itinerários do desejo. Tudo isso nos demanda sair de um centro único e absoluto quanto à concepção de subjetividade sexuada e à teoria que tenta explicá-la.

As zonas erógenas estão também no limite entre o soma e a psique. A pulsão é, por definição fronteira. Não há privilégios, já que mesmo havendo zonas erógenas clássicas, qualquer parte do corpo pode ser zona erógena. Pluralidade de gozos, de prazeres, de desejos, que são singulares para cada subjetividade.

Por outro lado, com respeito ao gênero, se constata que as diversidades de gênero apontam à identidade subjetiva, baseada em identificações, que é singular e diferente da identidade social que propõem as normativas culturais. Ambas são categorias de fronteira e diferem do campo da psicosexualidade..

Laplanche (1980) distingue entre o par masculino-feminino e a função e prazer sexuais. Considera que o par masculino-feminino corresponde ao gênero. Implica a identidade subjetiva de gênero, que é distinta de uma identidade fixa, imutável; trata-se de uma identidade subjetiva em devir. Como já destacamos, é necessário distingui-la do campo da psicosexualidade e do desejo, apesar de que mantêm complexas relações.



Neste marco de pluralidades e polimorfismos incluímos também outra concepção do sujeito: o sujeito da tecnologia, dos mundos virtuais, o tecno-sujeito. Vivemos imersos nas redes e nos algoritmos; o que parecia uma aventura de um futuro imaginário está entre nós. O ciborg (Haraway, 1984), híbrido, metade humano, metade máquina; os chips cerebrais; a robótica; adquirem presença para pensar nas subjetividades contemporâneas. Os corpos adquirem outra dimensão e outras significações. Estas subjetividades “mistas” remetem novamente ao espaço-limite, às fronteiras. O pós humano está a caminho (Braidotti, 2000).

Para abordar as subjetividades sexuadas e sua pluralidade pensamos em um sujeito em transição, que inclui o “trans” como parte dos itinerários mutantes da sexualidade e do gênero. Nesta linha podem-se incluir também os conceitos de pós-sujeito, de tecno-sujeito, como novas formas de pensar a subjetividade.

Finalmente, a noção de sujeito na contemporaneidade está intimamente relacionada com o conceito de diferença que se maneje. Abordar a diferença sexual em termos tradicionais é pensar em termos duais. O mesmo ocorre com a resolução heterossexual. Isto é suficiente para poder compreender a construção de subjetividade sexuada. Entretanto, o sujeito da diferença sexual deverá ser incluído numa complexidade maior.

Nesta linha, além da dicotomia masculino-feminino e fálico-castrado, se torna necessário pensar em termos de outras lógicas, pós-binárias, não duais. Isso leva a elucidar qual é o campo simbólico que cada qual pode construir.

Por isso, propus ampliar o conceito de “diferença” (Glocher Fiorini, 2019) e abarcar diferentes níveis e variáveis que estão conectados, com suas concordâncias e discordâncias. A diferença sexual, a diferença de gêneros, a diferença no plano linguístico e discursivo, entre outras vertentes, constituem um conjunto cujas relações não são sempre harmônicas. De suas proeminências, vazios e entrecruzamentos surge a construção da subjetividade sexuada.

Além disso, minha proposta é focar a “categoria diferença” como uma ferramenta simbólica (Glocher Fiorini, 2015). Trata-se de uma operatória que indica a possibilidade de criar um campo simbólico para cada pessoa, em singular, independentemente de sua orientação sexual.

Em última instância, a diferença é uma categoria cuja opacidade e caráter enigmático são expressos com crenças, teorias, discursos, ideologias, próprias de cada época, cultura e sub-cultura. Inevitavelmente, também respondem a relações de poder.

Neste contexto, o acesso à “categoria diferença”, em um sentido simbólico, é o reconhecimento da alteridade.

As trans-subjetividades e os diversos itinerários da sexualidade e dos gêneros constituem um desafio que nos induz a pensar em um sujeito em devir, emoldurado numa psicanálise em transição.